Emanuel R. Marques
Antologia dos dias esquecidos
Virtual Books

Antologia
dos dias esquecidos

Antologia dos dias esquecidos

Indulgências da lucidez- escrito em 2001
Punições urbanas e outras condenações- escrito entre 2002 e 2003

Fotografia da capa: © Vlada

INDULGÊNCIAS
DA
LUCIDEZ

A LEMBRANÇA

Lembras-te,
Quando ao longe eu te olhava
E distinguia no emaranhar da multidão?

Claro que não!

E como eu me enganava.
Só a fraqueza da minha mente mantém tal recordação.

WHISKY SEM GELO

O whisky reteve a sua fragrância até à secura matinal

Analepse

Os joelhos bamboleiam a ilucidez de quem os comanda,
Versos espontâneos já esquecidos intrigam-se na corda bamba
Do devaneio que os fez.
Dizem com uma voz penitente:
-Vês!
-E nada vejo, nada digo, apenas penso inconsciente
pela abrupta consciência que me aconselha a sê-lo.
-O quê?
-Consciente.

A candura do whisky sem gelo

Fim da analepse

O gelo é tragado pela manhã no consolo da água
E do sono salvaguarda-se a dormência de um – porquê?
Que garante a necessidade de repetir a conhecida experiência,
Pois o corpo é efémero, e a mente… lavo-a.

SAUDO ESTAS ÁRVORES

As gotas de orvalho amadurecem
Sob o embalar dos picos das árvores.
Quando um subtil raio de luz as trespassa, estremecem
No erótico calor da fértil transparência.
Por baixo das mesmas árvores consumo uma reminiscência
E castigo pássaros sequiosos ao céptico olhar,

Que me impede de estar em qualquer outro lugar.

TALENTO PARA O TÉDIO

O meu único talento está em padecer ao tédio do desalento,
Esfíngicos horrores passeiam-se pela interior face do nada.
De um cadafalso de misérias faço o meu sustento
E enjoo universos na pobre alma desorientada.

A angústia da coerente sanidade transgressora,
Ruídos que no silêncio perdem firmeza,
Tudo se transforma rapidamente em incerteza,
Todos se calam numa voz ensurdecedora.

Amaldiçoado dia da minha gestação
Que gerou tão bizarra criatura,
Tivesse sido de outros genes a fusão
E talvez do fado houvesse maior brandura.

A DISFORME FACE DA UTOPIA

Eu conheço a disforme face da utopia!

Tudo começou a alguns anos atrás
Aquando da chegada dos desencantados
Encantos que o tempo traz.
Cheguei mesmo a provar sonetos bem fadados
Em Camonianas cantigas de alegria.

Porém…

O consumo tornou-me dependente do que dela provém.

Penei e ressaquei.

Ainda hoje não sei se recuperei.

APENAS

Imaculada jovem que de simplicidade te enfeitas,
Escrevo-te este poema, ou que quer que isto seja,
Sem que alguém saiba, ninguém veja,
Apenas para exaltar tuas formas tão perfeitas.
Sei que não é o teu colo que me beija
Nem teu doce cabelo o que me deseja,
Escrevo-te apenas para suspirar o leito onde te deitas
Em cada vez que o meu sonhar te alveja.
Apenas no silêncio do murmúrio em que aceitas

Apenas.

INDULGÊNCIA

Montei uma barraca nos subúrbios da inconsciência.
De vez em quando, petrifico-me nas suas relíquias,
Antiquadas iguarias de infindável penitência,
Saturados focos que encandeiam a cedência
A reminiscências de outrora volúpias;

Abreviações repentinas de uma já paga indulgência.

A MULHER SOL

Inebriados pelo sombrio e misterioso olhar
Os planetas dançavam em seu redor,
Chapinhavam alegres as estrelas do mar
E suspiravam com um clamor maior
Do que era habitual.

As tragédias eram emudecidas
Sobre festins de uma nova realidade;
Era a mesma de outras vidas
Mas com uma nova intensidade,
Uma novidade especial.

A MASMORRA DA INSÓNIA

A insónia tem uma tonalidade seca.
É constituída por antigos retalhos de tempo
Que se locomovem por uma muleta
Que os sustém e arrasta pelo pensamento.

Trago esta insónia colada a mim
Que me dissolve, tortura e apoquenta,
Quando a julgo estar perto do fim
A sua marcha torna-se sarcasticamente lenta.
Volto-me e revolto-me na impaciência
De simular um iminente adormecer,
Uma suave catarse que me faça padecer
Ao gentil afecto da subconsciência.

-//-

Nas paredes do infrutífero empenho
Vou perdendo o pouco que tenho,
Crescente e cronológico martelar
Que me lasca as arestas do altar
Onde se sacrificam raras emoções

A masmorra das desilusões.

ALEGORIA DE UMA REFLEXÃO

Entre o fogo e as cinzas existe a consumição,
O crepitar impiedoso que incita a transformação
E a inocente chama que desconhece o seu efeito,
O desprevenido carvão vai morrer no seu proveito
Acomodado no cinzento frio da sua desolação.

E sopra o vento suave que deveria ser forte
Sobre os restos desconcertados que vestem a morte
De um desconhecido acabado de conhecer,
Que tem em comum o não querer morrer,
Ou só quando lhe apetecer.

O PREVISÍVEL DESTINO DE M

Na plenitude da sua jovialidade
Ela distribuía delírios para poder delirar,
Destronava príncipes que lhe juravam lealdade
Mesmo que do reino tivessem de abdicar.
Ordenava problemas antevendo as soluções
Arquitectava dilemas e lançava confusões.
Movimentava prazeres e esgotava ansiedades
Encenando por vezes sedutoras insanidades.

Vassalagem às suas vontades!

Quando surgia com imaculados olhos de piedade
Todos convencia da sua extrema infelicidade,
E novamente surgia o caos do manhoso predador
Que engrandecia e se alimentava de dor.

Agora, apoia-se num frio e eterno estertor
Onde nunca espera encontrar verdade,
Sente a angústia de ter perdido um sabor
E desespera sobre qualquer saudade.

EGO VERSUS EGO = EGO

Sentado
Levantar
Em pé
Caminhar

Os traços cruzam-se em limbos indefinidos
Misturam-se preces de oráculos perdidos,
Súbitas intervenções de movimentos esquecidos

Que se intensificam e inventam a linguagem
De um homem e uma mente que não sabem comunicar,
Apesar de pertencerem à mesma personagem
Nunca se conseguem encontrar.

Entretêm-se mutuamente a entediar.

HOJE, AMANHÃ, DEPOIS, SEMPRE…

Hoje, amanhã, depois, sempre…
Eternamente,
Apesar do decréscimo de intensidade,
Diluindo-se os rochedos da saudade
Que o tempo leva na sua continuidade,
Os ódios enternecidos permanecerão no purgatório das raízes
Onde se rega e acaricia uma nova semente,
Hoje, amanhã, depois, sempre…

O HOMEM CRIA OS SEUS PRÓPRIOS DEMÓNIOS

O Homem cria os seus próprios demónios
E deixa-se atormentar nos momentos de maior confusão.
Por vezes, eles desapareceram há décadas, mas foram fruto de uma convicção
E retomam a presença em desenraizados pensamentos erróneos.
Surgem no âmago de uma árida e labiríntica aflição
Com acutilantes horrores de mestria na arte da destruição.

O Homem cria os seus próprios demónios
E redime-se a espectros de cinismos tão óbvios,
Autorizando-os a surgir por entre desânimos e tentações
Prostituindo a alma em angústias e decadentes devoções.
Nós somos a venda que ofusca a nossa visão,
O gratuito cadafalso que nos impede uma solução.

O Homem cria os seus próprios demónios
E eles não surgem de inexplicáveis esoterismos,
São criaturas reais, tal como os Homens são espirituais,
Habitam o trémulo limbo dos amores e dos ódios
Deixados convocar pelas lamacentas mentes dos abismos,
As mentes volúveis que são as nossas, desorientados mortais.

O Homem cria os seus próprios demónios
A existência ocupa-se de sarcasticamente os atenuar,
Como a vassalagem de submissos campónios
Que se martirizam na humilhante apatia de prostrar
Os cépticos louvores que poderiam ascender,
Mas a falta de veemência não o deixa ser.

O Homem cria os seus próprios demónios
E como tal, será também capaz de os destruir
Bastando assegurar o domínio dos seus neurónios,
Superior e capaz de tudo conseguir.

DO TÉDIO E DA SOLIDÃO

Aproveito este instante para queimar tempo
Até chegar daqui a um bocado,
Para quando chegar esse momento
Eu retomar o entediante fado.

Deu-me abrigo a solidão,
O amplo espaço da sua vazia mansão.
No início, senti-me estranho, confuso e desconfiado,
Mas percebi o intuito do gesto benevolente
E acomodei o seu apoio de bom grado
E o seu respeito perante a minha alma doente.

O PRESBITÉRIO VENDIDO

Antes, usufruía daquele lugar como sagrado.
Agora, ciente de como o consegui destruir,
Vagueio apático para qualquer lado
No céptico desespero de outro conseguir
Que me restitua o paladar perdido
Onde a volúpia ludibriou o sentido,

Sinto o meu presbitério vendido.

Uma dezena de ratazanas calca-me os pés,
Em seu auxílio vêm mais ratazanas
Que entusiasticamente se juntam às outras dez
E celebram as suas torturas profanas.

OS ADORADORES DA LUA

O seu mal foi olhar demasiado para a lua
E quem olha demasiado para a lua endoidece,
Padece a uma corrosiva terminal loucura
Que lentamente vai corroendo sem se achar cura
Para tamanho vírus num espírito que desvanece.

O seu efeito perdura

O seu mal foi a obsessão pela lua
Esquecendo que nunca poderia ser sua,
Nem de alguém…apenas de todos, sem excepção,
Os que elevavam os olhos em fiel adoração.

Os Impérios ruíam sob o fitar de tanta luz,
Os soldados caíam e construíam a própria cruz,
E a lua, numa maléfica inocência, advertia:
-Não era esse olhar que eu queria!

UMA CERVEJA EM PARIS

Bebo uma cerveja em Paris
Que me sabe a qualquer parte do mundo,
Nem mais banal nem mais profundo.

As pessoas são pessoas
Estradas feitas do mesmo alcatrão,
Esqueço-me que ouço a língua de Napoleão,

Ou o seu moderno perfil que não condiz
Com as expectativas da minha ilusão.

O consumismo vulgarizou a cidade de Paris,
Demasiado apressado para ouvir o que ela diz.

Escrevo num café em Paris,
Demasiado entretido para ouvir o que ela diz.

Paris 01

DA GRANDE JANELA

No quarto andar das escadas em caracol
Está o meu acolhedor quarto de hotel barato.
É pequeno e pela manhã recebe o Sol.
Tem uma grande janela de fascínio inato
Por onde inúmeros anónimos se devem perder a olhar
Quando instalados sobre Montparnasse boulevard.

METROPOLITAN

Fumo um cigarro à janela
E ingiro o saudoso whisky
Da pequena garrafa oferecida por ela
No decorrer da viagem até chegar aqui.
Recordo-a singularmente bela
Na administração sensual da simpatia,
E nunca mais me aproximarei dela,
E amanhã será outro dia.

Paris 01

TENHO UMA CANETA

Tenho uma caneta,
Um copo de whisky
E um gato ao meu lado.
Celebro o retorno da inspiração
E de todas as graças que lhe possam provir.

Tenho numa gaveta
Um sonho que nunca vi
E um espírito inquietado.
Quero alcançar a máxima criação
Mas temo nunca o conseguir.

NO FIM

Eis-me aqui…ou em qualquer lado
Ou talvez em lado nenhum,
Mas não chores nem fiques desolado
Foi apenas mais um episódio comum
A todos os transeuntes desta afamada existência.

Não incrimines temores ou odes de clemência
Quando sabes sempre chegar a hora da liberdade
E não será exaustivo nem penoso,
É a última viagem, a do inesperado gozo,
Aquela que estimula medo e ansiedade.

Por pouco não assistias à minha alegre despedida.

Embriaguei-me num suspiro de calma respirando a nova sensação,
Foi como a morna carícia de uma nova paixão.
Não! Direi mesmo que foi mais divertida
E não julgues a minha presença perdida.

Deixo-te um trago da minha voz nesta humilde recordação
Que traduz da alma uma infinita e sincera afeição.

…SIMPLESMENTE ME INCOMODA TERRIVELMENTE O FACTO DE TUDO TER UM FIM.

I

Deambulo simplesmente,
Na simplicidade de um corpo dormente
No incrédulo corredor de um tudo que é um nada
Na acutilante intriga de um nada que é um tudo.
Quando um passo finge uma certeza na estrada
O outro diverge-me a um rumo que mudo.

As sibilas concentram-se nos seus espelhos,
Os olhos perdem-se em amálgamas de conselhos.

Vazio
Cheio

Velho
Novo

Tudo
Nada

II

Os espíritos revelam-se em cada olhar teu
E padecem aos clamores da expectativa,
Os riachos improvisam encenações de céu
Que desaguam no purgatório da vida.
Oram-se os mistérios da boa ventura,
Um desenfreado fervor que ninguém segura,
E as tuas mãos, ágeis pombas brancas
Que na terna carícia de um toque breve
Saboreiam voluptuosas relíquias com que encantas
O Mundo que mais ninguém consegue.

III

O meu desgosto
É ser um ser pensante
E se aparece uma dócil criatura
Que por mim se encante,
É um fascínio que pouco dura
Porque sou ser demasiado pensante.

Um penar que me foi imposto
Tormento de questionar, filosofar, reflectir,
Objectivar de forma directa a mente humana;
Ò triste essência de não poder possuir
A simplicidade que qualquer outro emana.

Quem me irá cobrir à cama?

É interessante conhecer alguém diferente.
É diferente conhecer alguém interessante.
Existe algum prazer em tocar alguém errante,
Mas, há que afastá-lo quando se torna pensante.

Corriam rumores de felicidade.
O pensador, como habitualmente,
Ponderava a sua veracidade
Mas, consumia a melodia docemente,
Abandonava a sua terra para um mundo distante.

Pobre ser pensante

Mais fácil seria nunca ter pensado
E correriam os dias iguais em todo o lado
Bafejados pelo suspiro de um não importar

E nunca
Nunca ter de pensar.

IV

No Universo das lamentações as aves sussurram impaciência,
Cães famintos atiram-se aos viajantes
Com a eloquência dos trajes de aparência
Que os parecem tornar mais importantes.
As ásperas rochas brilham de escuridão
Em aglomerados de lagartas cinzentas
Que rastejam por vestígios de sangue sedentas
E vomitam palácios de lamentação.

V

Ocasionalmente rima com

Inconsciente
Inocente
Doente
Avidamente
Contente
Docemente
Dependentemente
Ininterruptamente
Intermitente
Decrescente
Tristemente
Lamentavelmente
Deprimente

Temporariamente rimou com

VI

A única capaz de enternecer
A mais feroz das tempestades
Habita distante de todas as cidades
Num Império difícil de conhecer,

Onde todos os poetas sonham um dia padecer.

…

Naquela noite
Deambulávamos pelos hemisférios da confiança,
Os membros contorciam-se em suaves proximidades,
Insinuações de uma vaga esperança
Que afastava espectros e aproximava vontades.

Mas

Desvaneceram-se os ideais
Com a silenciosa chegada do dia,
Desapareceram as visões fenomenais
Que o tacto nocturno encobria.

Irremediavelmente

Tudo desaparecia.

VII

Quando os segundos se tornam eternidade
Na infinita estupefacção de breves carícias,
Os instrumentos da consciência perdem controlo da vontade,
Abrem-se os portais ao paraíso das delícias.

Um fino manto de sedas inocentes
Encobre silêncios de morna cumplicidade,
Soltam-se átomos de transparente ambiguidade
Incorporam-se espasmos de saudável insanidade.

As vozes do fundo são indiferentes

Os raciocínios deixam de ser coerentes

Percepciona-se melhor de olhos cerrados
Do que sob o ilusório ofuscar da luz,
Surge uma firme sensação que conduz
E liberta incertezas dos seus gestos duvidados.

VIII

Há uma semana atrás
O Outono abandonava a sua forma amena
Sob o embalar de rudes ventos acolhedores,
Renascia o Inverno sobre nós, seus seguidores
E unificávamo-nos numa alma pequena
Que gratificava as variações de um mundo capaz.

Abençoado o Outono
Abençoado o Inverno

No limbo das estações sem dono
Embalávamos um abismo doce e terno.

IX

O dilema de ocupar o centro do deserto
É não alcançar nenhum ponto de referência,
Estar submetido às virtudes da impaciência
Que iludem o olhar sem nunca estar perto.

Aviso:
A imensidão do deserto é propícia a miragens
É preciso
Não padecer perante tais paisagens.

Apenas os répteis se deixam arrastar
Pelos esguios traços da indefinição arenosa,
Monstros de lama riem da sua situação penosa
Numa inconsciência que nunca os vai afectar.
Os estrangeiros dançam apáticos de sofreguidão
Sob as fogueiras apagadas da despreocupação.

X

Engrandeceremos os perdedores da vida.
Estátuas serão erguidas por todas as ruas
Para quando voltarem da realidade adormecida
Sentirem todas as cidades serem suas
E se regozijarem nos louvores circundantes,
Suprimam a sina de se julgarem errantes,
E,
Envoltos em experiência e sabedoria,
Entrarão gloriosos na cidade da utopia.

Cada pedra recalcada, rolada pelo chão
É singela homenagem repleta de significado,
Um uivo de apreço pelo ser inadaptado
Que a enterneceu com a mesma dedicação
Que gostaria de receber um dia.

XI

Ao longe
Passa a caravana do deslumbramento.
Um arlequim, exausto pela expectativa do momento,
Verte duas lágrimas numa antítese existencial.
A primeira, um fresco orvalho pela visão fenomenal,
A segunda, uma disfarçada gota de desalento
Por se não poder juntar à caravana monumental.
Uma de alegria, outra de constatação
Uma de euforia, outra de desilusão.

As rodas de madeira fina
Encantam as estradas por onde rolam,
Com suaves guinchos de sabor a morfina
Que os seus passageiros controlam.

PUNIÇÕES URBANAS
E
OUTRAS CONDENAÇÕES

PUNIÇÕES URBANAS

I

Os carros são disparados ininterruptamente
Uníssono de confusas vozes formadoras de nuvens
Que deixam, por vezes, chover palavras sem remetente,
Cada gesto é um gesto indiferente,
E tu não vens…

Os pensamentos são tóxicas neblinas
Como crianças inocentes que choram pelas mães
Quando perdidas no labirinto das suas sinas,
A ilusão sobre dormentes morfinas,
E tu não vens…

A cidade parece nunca dormir,
Sobre os seus entediados restos dormem os cães
Que nunca sabem que direcção seguir,
O paraíso impossível de conseguir,
E tu não vens…

O tempo abandonou os velhos lirismos
Transparecendo putrefactas mensagens,
Perderam sentido os recorrentes eufemismos
Desvaneceram-se as credíveis miragens,
E tu não vieste.

A cidade tem por costume as almas devorar
Deixando-nos o corpo como forma de entretenimento,
Crédulos num orgulhoso alheamento
Com que há muito aprendemos a nos ludibriar.
O mundo perdeu a magia,
Temo que a não volte a encontrar.

Perdidos numa mancha vazia.

II

Ânsia, expectativa e tédio
O paciente arrasta-se junto à cama,
Tenta, em vão, alcançar o seu remédio,
Espera pelo auxílio de por quem não chama.

Talvez tenha emudecido
Ou a voz não tenha sequer existido

Ou nada tenha tido alguma vez sentido,
Apenas o sabor de demasiado vinho
No parapeito de um palácio esquecido
Onde nenhuns pássaros fazem já o ninho.

Tementes
Doentes
Previdentes

Pelas frágeis colunas de cristal
Que ameaçam ruir a qualquer momento,
Todos abandonaram o hospital
Na iminência do fatídico desabamento.

III

Pela cidade vagueia um estranho condenado
Cujo crime foi não o haver cometido,
Não foi por um juiz sentenciado
Mas padece de um crónico castigo.

A noite e o dia perderam sentido
Fundidos numa mescla de insanidades,
Da ténue esperança já não se encontra munido
E do que não foi tem saudades.

Buzinas estridentes
    Carros em agonia
Sonhos pendentes
    Sucumbem em apatia.

IV

Quando o dia começa a escurecer
E a noite se faz anunciar
As visões balouçam-se na vontade de ter
Mas o tempo esgueira-se sem as conseguir agarrar.

As naus vagueiam desorientadas
Fortes ventos renascem de todas as direcções,
As almas dos marinheiros desesperadas
Desmoronado trilho das ambições.

Esgotados mistérios, desmistificadas lendas
Sonhos errantes que pareciam prometer,
Esgotaram-se as preces e as oferendas
Pródiga cidade que se deixa perder.

Cidade interior
Melancólico dissabor.

V

Os belos ornamentos, motivo de contemplação,
Já não são alma de dedicados delicados artistas,
São obra de fugazes e esguias conquistas
Que não merecem tanta admiração.

Mas tal é a sua força e agilidade
Que ninguém escapa à sua necessidade,

Incandescente feitiço de ansiedade.

A sede de beleza é indefinida
E tornou-se na devoção de uma complexidade
Que ignora o copo pelo qual ela é ingerida,

Voluntário condicionamento
Infertilidade mental que perdura,
Cárcere de desenvolvimento
Escravos de uma cultura.

VI

O jardim desencantou-se das suas voluptuosidades,
A semente de outrora floriu sem magia
E por ela se propagaram grandes calamidades
Que tornaram a sua quente alma em fria.

Nas suas folhas oscilam lendas esgotadas
Que eternamente pareciam perdurar,
Anjos de sonho têm as asas cortadas
E alguém lhas roubou naquele lugar,
Santuário onde não mais querem entrar.

Avidez em vão
Ambígua sensação
Pérfida compreensão
Último estertor da ilusão

O terno manto dos ramos frondosos
Tornou-se inóspito e o seu espírito é glaciar,
Os seus silêncios já não são jubilosos,
O jardim já não é bom para amar.

VII

Os actores ressuscitam o autor
Exaltam a sua existência no durante,
No antes e no depois esvai-se esse louvor
E o seu anónimo silêncio volta a ser desinteressante.

A magia tem uma essência limitada

A vida é um palco de contrariedades,
Resta-nos o sabor das suas cenas fugazes

Cidade de fingimentos.

O JORNAL

Na primeira página brilhava a sua fotografia,
Onde despojado das faces indumentárias
Confirmava as suas incertezas num reflexo incolor
De necessidade.

Ao folhear, amedrontado, as restantes páginas do jornal
Concentrava-se nas notícias
As suas notícias
Trágicas
Frustrações
Ambições

Transcrita introspecção.

Na página sete
Um conhecido criminoso auto mutilou a sua alma,
Enquanto tentava fugir da sua cela

A arma utilizada foi o seu orgulho.

A mão direita de um político
Cumprimentava
A mão esquerda do mesmo político,
E prometeu a si próprio que, daqui em diante,
Tudo
Será melhor.

Na secção dos empregos,
Em minúsculos vazios quadriculados,
Todas as suas ambições clamavam
Condicionando-o ao único requisito
De ser ele mesmo.

Um bebé adulto foi encontrado à porta de um hospital abandonado,
Baptizaram-no de esperança,
Para que continuasse
Iludido.

Uma sensual página de “relax”
Adornava-se com imagens de antigos
Amores
E
Outras conhecidas promiscuidades;
Cemitério de castrações sentimentais.

Da necrologia renasciam espectros com a decrescente acutilância
Das desilusões,
O último dos moribundos ainda
Não estava datado.

O horóscopo assegurava-lhe a presente existência
E garantia-lhe o desconhecimento
Do futuro.

Por mais que tentasse
As palavras cruzadas estavam demasiado elaboradas,
Concebidas pela ambígua genialidade de alguém que a ele se julgava
Superior;
Não as conseguiu resolver
Na totalidade.
E voltou a página humedecendo o seu dedo indicador
Com o veneno que corrói
A auto estima.

MÁQUINA DE TÉDIO

Estas breves páginas são as minhas únicas companheiras
Nesta fresca e bela noite de nevoeiro
Em que me faço acompanhar da solidão.

Um semblante cor de pele
Gostaria de ser contador de histórias
Mas,
Histórias são as difíceis de apagar
E
Sob o obrigar fingido à dextra caneta
(Como se das palavras alguma catarse surgisse)
Um nada tenta modelar a sua inexplicável forma

E
Quais são os contornos do infinito?
Com que linhas e traços se definem as fantasias?

Farás algum dia as pazes com Deus?
Claro! Se ele existir,
Então
Perdoar-lhe-ei

As horas passam sob o olhar atento do tédio,
Que as tem sob sua custódia

Complexa imóvel massa

No ambíguo tribunal que sacia Homens e deuses
Foi unânime a decisão em entregar estas horas à penosa protecção
Do tédio

Houve ainda uma inibida voz que as tentou reclamar
Mas a sua singularidade não foi suficiente
(ou terá sido demasiada)

Terá de suportar a frustração da sua tentativa
E

Pedaços de vazio
Lembrar-lho-ão nos momentos menos oportunos,
Ou,
Na hemisférica semente que floresce desregrada,
Ocupará um insignificante lugar que ganhará o seu significado na Simbiose das agonias

Um odor inexistente
Irrompe de apetite nas pupilas da vontade

A sua origem
É no sarcasmo da imaginação

A própria demência
Não deixa de soltar uma gargalhada
E
Um néon cintilante rejubila-se ao perceber que alguém lê
A sua expressão

- Mundo efémero

O desequilíbrio das sensações,
Desproporcional modo de vida

O olhar vagueia em todas as direcções
Na desenfreada e improfícua tentativa das soluções
E,
No horizonte de qualquer banalidade,
A resposta é a mesma,
A mesma inquietação que toma conta do corpo
E assume controlo da mente
Entregando-os
Qual inválida relíquia aos sequiosos braços da apatia

Preferias adormecer,
Sob a cândida profundidade de uma doce viagem,
Mas os talentos da insónia suprimem-te em lúgubres arestas de pensamento

Ao apagar a luz surgirá um turbilhão
De ansiedades, carências, mescla de vivências

E sobre ti caíra o melancólico monstro das insinuações
E
O sossego do teu leito demorará a chegar

O conflito é de ti para ti
E o desintegrado mundo em redor
É o primeiro a censurar o que quer que seja,
Pois a alma foi-lhe roubada
E aquilo que eles a julgam ser é um enclausurado grão
Na imensurável montanha dos sentimentos

É absolutamente espantoso
A emaranhada teia com que reflectes os mais variados assuntos
E com a qual tentas caçar
Um sentido
Na estranha floresta dos enigmas

O teu sentido

Só a exaustão permitirá a chegada do descanso,
Até lá,
Cismas e encenações eclodirão em torno de uma existência
E de vários raciocínios.

A SENSAÇÃO DE SER

Por vezes,
A sensação de ser uma fraca interpretação
De mim próprio

Ou,
Perdido nas profundas pegadas de um gigante
Que eu próprio criei

Errante,
Divagando nos inférteis campos
Da desventura.

A CIDADE TORNOU-SE PESADA

A cidade tornou-se pesada,
As suas temperaturas médias oscilam entre a excitação e o pânico,
Por vezes,
É possível encontrar vestígios de insatisfação
Após uma noite de tempestade

Os monstros visíveis e as criaturas invisíveis
Combatem pela supremacia e manipulação

O stresse mantém a chave da jaula,
Sob a sua vontade e disposição
E
Soletra a palavra caos com a demente subtileza
De um abismo.

A CHAMA FÚNEBRE DA INSÓNIA

A chama fúnebre da insónia é alimentada por lenha
Colhida nas florestas da vulnerabilidade
Inextinguível

As labaredas contorcem-se como bailarinas de sessenta anos
Que numa última dança
Desesperam pelo elixir da juventude

O criptar da madeira
Ou
O seco estalar dos ossos
São uma evidência fúnebre

No final,
Desperdiçarão as últimas energias
Combatendo umas contra as outras
Até somente ma ser proclamada vencedora

Mas,
Nenhuma escapará

Entretanto,

A chama fúnebre da insónia é alimentada por lenha
Colhida nas florestas da vulnerabilidade
Inextinguível.

O PROBLEMA

O Homem inventou ter problemas,
Tornou moda ter problemas,
Para se inserir socialmente necessita de ter problemas,
A dependência dos problemas,
Redenção através de problemas,
Para se libertar de ter problemas obriga os outros a terem problemas,
Torna-se um problema,
Transforma tudo em problema porque tudo é feito de problemas,
É lei ter problemas

E a espessa nuvem continua a rolar abaixo
Pela fina pele das
Encostas.

UM ESTETA

Um esteta caminha nas finas margens de fumo
Que rodeiam um profundo poço,
Os seus olhos foram vendados não se sabe
Porquê
Ou por quem

Certas vezes,
Ouve-se o seu tropeçar
E mãos laterais fingem suportar os seus descuidos,
Mas,
A segurança que oferecem é a falível egocêntrica precaução
Que os conduz ao hipotético trilho
Imperativo

Um esteta entra no seu gélido santuário
E constata que todos os seus santos são ocas carcaças
Abandonadas por espíritos antigos.

PALAVRAS VAZIAS

Um poeta perdeu-se no rumo das suas palavras vazias,
Afinal,
O éden não existe
E o Mundo foi um terrível engano
Conjecturado pela imaginação de um povo submisso,
Idólatra,
Na arte de acreditar imerso

Um poeta dança em círculos
De mãos dadas com o povo das sombras,
Na fraternidade das suas próprias sombras
Onde ele é
O primeiro e o último
O início e o fim
O louco profeta
Das
Líricas sombras de veludo,
Que desaparecem
No rumo das palavras vazias.

UM PEQUENO PEIXE

Num aquário sem água
Um sequioso e pequeno peixe castiga as suas guelras
Contra o fel translúcido que o retém

Conseguirá quebrar o vidro?
Morrerá pelo esforço?

Padecerá talvez por uma alma benevolente
Que o afogue em água
Poluída.

PONTO FINAL

Ponto final,
O mais ambíguo dos significados profere a ordem
Final,
A do ponto final

O firme punho que o assina invoca minuciosas infinidades,
Até…
Se tornar na trémula e fraca certeza
Que o tenta transformar
Em
Vírgula.

Biografia:

Emanuel R. Marques: Português. Formado em Comunicação Audiovisual. Já passou pela televisão, assim como já ganhou a vida a fazer visitas num convento e museu do séc. XIV. "Autor do livro de contos "Sui Generis-Contos DeMentes" e do livro de poesia "Madrugadas indefinidas". Tem colaborações em várias revistas e webzines, tanto em Portugal como noutros países (ex: Miasma, Abismo Humano, Lama, Twisted Dreams, Dark Gothic Ressurected). Participa das antologias "Novos talentos fantásticos 2009", "Poetas em desassossego-Caminhar no Mundo", "Casos minimalistas" e "Alquimia das Letras".
Colaborador em projectos de diversos campos artísticos.

www.myspace.com/emanuelrm

Índice

Indulgências da lucidez:

Punições urbanas e outras condenações: